

Felipe Collar Berni
Gabriel Palma
Igor Fernando Mallmann
Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Martina Belotto Michaelsen
Paulo Henrique Semicek
Rodrigo Duarte Bueno de Godoi

Organizadores

Anais do **v sdc**om

Comunicação, política e democracia:
vínculos entre o social e científico

Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação



Curitiba
São Leopoldo
2023



B528 Anais do V SDCOM – Comunicação, política e democracia:
vínculos entre o social e o científico / Felipe Collar Berni et al.
(Organizadores) – Curitiba/São Leopoldo: Carvalho comunicação /
Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos, 2023.
PDF.

196 p.

Vários autores.
ISBN 978-65-992120-3-1.

1. Comunicação. 2. Democracia. I. Título. II. Programa de Pós-
graduação em Comunicação da Unisinos.

CDD - 070

Ficha catalográfica elaborada pela editora

Anais do V Seminário Discente de Pesquisa em Comunicação do
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos
“Comunicação, política e democracia: vínculos entre o social e científico”

Comissão organizadora

Felipe Collar Berni
Gabriel Palma
Igor Fernando Mallmann
Marcio Morrison Kaviski Marcellino
Martina Belotto Michaelsen
Paulo Henrique Semicek
Rodrigo Duarte Bueno de Godoi

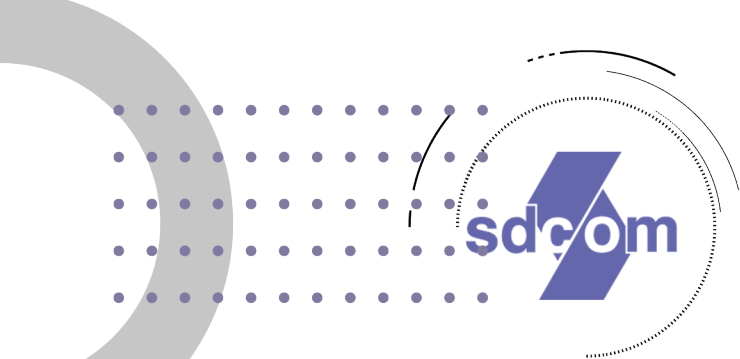
Coordenação dos Grupos de Trabalho

Aline Corso
Ana Isabel Freire Monteiro dos Santos Marinho
Bianca Rosa
Francielle Esmitez
Graziele Iaronka da Silva
Lucilene Athaide
Mariane Rambo
Mariluce Lopes Pedroso Veiga
Tatyane Larrubia Berbereia

Editoração gráfica

Capa, Projeto gráfico e Diagramação

Fernanda Cavassana de Carvalho
Carvalho Comunicação 29.339.056/0001-57



A TRADUÇÃO E TRANSCRIÇÃO DA MORTE COMO PERSONAGEM EM NEIL GAIMAN E JOSÉ SARAMAGO

Thiago Henrique Gonçalves Alves¹

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE

O presente ensaio visa trabalhar com a caracterização da imagem da morte nas obras *Sandman* (1987), de Neil Gaiman e *As intermitências da morte* (2005), de José Saramago. Para isso, nosso aporte teórico terá Julio Plaza e Haroldo de Campos. Assim, procura-se demonstrar como os dois artistas trabalham com a tradição da morte ocidental e como traduzem esse signo para suas obras.

A personificação da morte está vinculada diretamente à história. Podemos assumir o arquétipo da morte como uma necessidade humana para explicações filosóficas e como uma forma de escoar sentimentos relacionados a ela. Ao longo dos diversos séculos, ela foi retratada e descrita de diversas maneiras. Durante a Grécia Antiga, Tântatos aparece. Durante ao período da ascensão do cristianismo e da Idade Média, além da mudança de gênero, a figura da morte assume outros formatos.

Interessante também notar que o conceito de morte é acompanhado geralmente de sentimentos complementares como a tristeza e o luto. O presente ensaio tem como objetivo tratar da personagem Morte e como ela aparece em duas obras distintas de artistas contemporâneos: Neil Gaiman e José Saramago. Ainda para o bom entendimento deste trabalho, faz-se necessário abordar o conceito de tradução intersemiótica e de como os artistas fazem esse papel de tradutor.

Por seu caráter de transmutação de signo em signo, qualquer pensamento é necessariamente tradução. Quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, sejam imagens, sentimentos ou concepções (...) em outras representações que também servem como signos (PLAZA, 2003, p. 18).

Para Julio Plaza, o pensamento possui esse caráter de transmutação de signo. Em outras palavras, à medida em que se pensa, traz-se ao atual imagens e sentimentos, estes são signos que podem ser de natureza abstrata, por exemplo. Pensar na morte pode se traduzir em sentimentos como tristeza ou ações como luto. Assim, pode-se assumir que a tradução desses signos ultrapasse não apenas a natureza histórica e social, mas também alcance os textos narrativos e poéticos.

¹ Mestrando da linha 01 – fotografia e audiovisual do PPGCOM – UFC e-mail thiagosenaufc@gmail.com

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por “signo icônico” aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”) (CAMPOS, 2011, p. 34)

Haroldo de Campos define bem nesse trecho uma das possibilidades de tradução de textos criativos. Traduzir é recriar. Não apenas no quesito linguístico, mas também no pensamento e na tradição. Quando Bergman personifica a morte em seu filme, ele traduz para o público uma visão da morte, simbólica e imaginária. Dentre as infinitas possibilidades que a tradução do pensamento ou do sentimento pode trazer para uma obra, cabe ao artista traduzir à sua maneira seja para complementar a sua narrativa ou apenas para reforçar sua visão de mundo. Nesse sentido, o ensaio se encaminha para uma análise da personificação da Morte no quadrinho Sandman, de roteiros de Neil Gaiman e nas Intermittências da Morte, do romancista José Saramago. Como este signo é recebido, traduzido e transcriado pelos dois autores?

Figura 1 Encontro entre irmãos



Figura 2 Encontro entre irmãos



As duas páginas acima tratam da primeira aparição da Morte como personagem em Sandman. Após o sumiço de 70 anos do irmão mais novo, ela aparece preocupada, pois o Sonho anda muito triste e procurando o sentido da vida. A aparência física da Morte aqui é um retrato de seu tempo, inspirada na modelo estadunidense, e amiga de Gaiman, Cinamom Hadley. Ela possui características do movimento gótico e do rock inglês surgidos na década de 1980, mas sua aparência não é imutável, ao longo dos anos e das edições, diversos desenhistas estiveram ao lado de Neil na construção de Sandman, em cada arco de histórias a Morte era apresentada fisicamente com traços e formas diferentes, tratando assim de uma universalidade da personagem.

Voltando às páginas, percebe-se que a personagem faz de tudo para animar seu irmão mais novo, suas falas vão desde uma piada envolvendo pombos até uma referência a filmes e cultura pop como Mary Poppins, filme de 1964 dirigido por Robert Stevenson baseado na obra de Pamela Lyndon Travers. Ou seja, essa é a visão da Morte por Neil Gaiman, na qual ele trata de um signo que geralmente está ligado à tristeza e ao luto. Como disse Campos (2011), “Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma”. Ao seguir adiante nessa primeira história, a Morte chama o Sonho para acompanhá-la em um dia do seu ofício, justamente para provar ao irmão mais novo o valor da vida.

Somos testemunhas fidedignas de que a morte é um esqueleto embrulhado num lençol, mora numa sala fria em companhia de uma velha e ferrugenta gadanha que não responde a perguntas, rodeada de paredes caiadas ao longo das quais se arrumam, entre teias de aranha, umas quantas dúzias de ficheiros com grandes gavetões recheados de verbetes. Compreende-se, portanto, que a morte não queira aparecer às pessoas naquele preparo, em primeiro lugar por razões de estética pessoal, em segundo lugar para que os infelizes transeuntes não se finem de susto ao darem de frente com aquelas grandes órbitas vazias no virar de uma esquina. Em público, sim, a morte torna-se invisível, mas não em privado, como o puderam comprovar, no momento crítico, o escritor Marcel Proust e os moribundos de vista penetrante (SARAMAGO, 2005, p.145).

Já em José Saramago, temos uma versão mais próxima da ideia da Morte como personagem esqueleto, afinal o autor afirma ser uma das “testemunhas fidedignas” de que a Morte é um esqueleto velho e que reside em uma sala antiga e fria. Percebe-se que diante de todo o tom de sarcasmo e crítica que o escritor português tem em torno da personagem, Saramago ainda nos é capaz de mostrar sua tradução da personagem, sua aparição não é visível por uma estética pessoal e para evitar a morte súbita ao olhar as “grandes órbitas vazias” de sua face.

Uma coisa que une tanto Gaiman quanto Saramago é o caráter transformatório de suas personagens. A Morte não é uma entidade única e plana, não se trata de uma representação de bem contra o mal, mas de uma personagem bem construída e com várias camadas de personalidade e de símbolos.

Palavras-chave: tradução, transcrição, morte, Neil Gaiman, José Saramago.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição poética: poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2011.

GAIMAN, Neil. **Morte: edição definitiva**. São Paulo: Panini, 2018.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.